

Vol. 13 - N. 26 | Jan./Jul. 2018 | ISSN 1808-883X

ADVERBIO

Revista Científica dos Cursos de Comunicação do Centro Universitário FAG

FOTOGRAFIA E NARRATIVA: SEBASTIÃO SALGADO E O INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS

Amauri de **LIMA**
Paulo Porto **BORGES**

ARTIGO 8

FOTOGRAFIA E NARRATIVA: SEBASTIÃO SALGADO E O INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS

Amauri de LIMA¹
Paulo Porto BORGES²

Resumo

Este artigo apresenta reflexões sobre o trabalho do fotógrafo Sebastião Salgado. A abordagem está centrada a partir de dois ensaios do filósofo alemão Walter Benjamim: *"A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica"*, publicado pela primeira vez em 1936 e republicado em 1955 e *"O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov"*, também publicado em 1936. Além de discutir o valor da arte fotográfica de Sebastião Salgado como mecanismo de aproximação das relações entre arte e homem, o trabalho analisa passagens da obra *"Da minha terra à Terra"*, escrita por Salgado em parceria com a jornalista francesa Isabelle Francq. Para além do caráter autobiográfico o livro, publicado em 2013, revela técnicas de trabalho e militância ideológica do principal fotógrafo brasileiro, abrindo caminhos para interpretar suas fotografias como uma das possibilidades construção de narrativas e intercambiar experiências.

Palavras-chave

Fotografia, Arte, Narração, Sebastião Salgado.

1 INTRODUÇÃO

No ensaio *"A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica"*, publicado pela primeira vez em 1936 e republicado em 1955, Walter Benjamin discute temas como autenticidade, destruição da aura, valor de culto e valor de exposição, apontando que com o advento da fotografia o valor de culto começa a recuar diante do valor de exposição das obras de arte. Para ele iniciava-se naquele momento um trabalho de "refuncionalização da arte", possibilitando que as massas procurassem a obra de arte como distração enquanto o conhecedor a abordava como objeto de devoção.

É reconhecido que com a reprodução técnica as artes gráficas, entre as quais a

¹ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Unioeste - Campus de Cascavel, Paraná.

² Doutor em Educação. Professor Associado da Unioeste - Campus de Cascavel, Paraná.

fotografia, adquiriram os meios de ilustrar a vida cotidiana e passam a ganhar destaque, servindo inclusive a interesses ideológicos. Segundo Borges (2003) a imagem fotográfica, como qualquer outra forma de expressão plástica que possa ter cunho político-pedagógico para as camadas populares, será recorrentemente utilizada na encenação e legitimação do poder constituído pelos grupos hegemônicos. Com a reprodução mecânica e a ausência da "aura" ou do ritual tradicional, citados por Benjamin, o uso da arte nem sempre pode ser acompanhado ou avalizado pelo artista. Recorrentemente no decorrer da história percebemos o uso da arte para defesas ideológicas e ao passo que outros conjeturam novas perspectivas para sua produção, sobretudo quando se percebem parte integrante de um sistema de manutenção de determinado *status quo*.

Neste cenário surgem artistas que, por meio de experiências socialmente engajadas, constroem sua práxis entre a distração e a devoção, aplicando por meio de sua posição técnica ou social uma identidade profissional que resulta aprofundamento das relações entre arte e homem. Este posicionamento é perceptível em todos os campos artísticos. Enquanto na literatura, por exemplo, há discussões profundas sobre a relação entre literatura e sociedade, especialmente a partir dos trabalhos de Antônio Cândido, na fotografia há uma convicção teórica de que a imagem fotográfica somente torna-se fonte quando decodificada a partir de seu contexto histórico.

Fotógrafos como Henri Cartier-Bresson, Robert Capa, Alberto Korda, Pierre Verger e Sebastião Salgado (só para citar alguns dos mais conhecidos), conduziram seu trabalho artístico em direção do estreitamento da afinidade arte e homem. Este posicionamento permitiu, especialmente no caso de Sebastião Salgado, constante aprimoramento da técnica e reorganização das motivações de seu trabalho. O próprio Salgado reuniu em forma de depoimentos na obra "Da minha terra à Terra", as principais passagens de sua vida como fotógrafo, destacando que sua arte fotográfica é resultado de suas opções ideológicas determinadas pelo contexto histórico, sem esquecer as possibilidades técnicas emanadas pelo uso da tecnologia de uma dada época.

A partir de ponderações sobre arte, fotografia e escrita pretendemos realizar neste artigo uma análise de passagens da obra "Da minha terra à Terra", escrita por

Sebastiao Salgado em parceria com a jornalista francesa Isabelle Francq. Para além do carácter autobiográfico o livro, publicado em 2013, revela técnicas de trabalho e militância ideológica o que contribui para torná-la referência nas reflexões sobre arte e homem.

A análise focaliza-se na narrativa construída por Salgado tendo como contraponto outro ensaio publicado por Walter Benjamin. Trata-se do texto "*O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*", também publicado pelo filósofo alemão em 1936. No ensaio Benjamin aborda o escritor russo Nikolai Leskov e comenta sobre o desaparecimento do narrador, afirmando que "a arte de narrar está em vias de extinção", pois "são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente". A partir dessa perspectiva buscamos aproximar a técnica de Salgado como fotógrafo a de um narrador, entendendo que seu percurso como produtor de imagens se assemelha ao produtor de narrativas. Não se trata de uma análise aprofundada da obra, mas um caminho de reflexão sobre como Sebastião Salgado descreve sua própria obra e vida, possibilitando entender porque suas fotografias, além de premiadas, ou seja, tem o aval da crítica, também permanecem entre as mais bem avaliadas pelo público.

2 FOTOGRAFIA, ARTE E MATERIALIDADE

A fotografia nos permite fazer história porque é parte da nossa própria história. Segundo Borges (2003) a imagem fotográfica, como qualquer outro documento é construída através de visões do real, tendo no percurso histórico do fotógrafo, na tecnologia de sua materialidade e na participação do sujeito retratado (quando o registro tem como objetivo outras pessoas) filtros culturais ativos. Filtrando imagens o homem constrói seu arquivo imaterial. Temos arquivos diversos, mas temos também distintos processos de seleção. O que selecionamos para "contar" pode direcionar o que temos para dizer. As fotografias de Sebastião Salgado contribuem para criarmos nossos próprios arquivos memoriais, por conta disto suas obras ganham destaque em diferentes segmentos sociais, pois nos aproximam de espaços que, embora comuns, estão geralmente distantes do cidadão comum.

Para Assmann (2011, p. 437) os "espaços de recordação surgem por meio de

uma iluminação parcial do passado, do modo como um indivíduo ou um grupo precisa dele para a construção de sentido, para a fundação de sua identidade, para a orientação de sua vida, para a motivação de suas ações". Ao permitir a construção de sentidos a imagem consente a reflexão sobre nossos modos de vida, pois segundo Borges (2003) a fotografia, como todo e qualquer produto humano, tem suas raízes fincadas no mundo real e suas representações são construídas a partir das relações do homem com a realidade, através de seus vínculos econômicos e culturais.

De maneira semelhante Roland Barthes (1984) em "A Câmera clara", levanta considerações importantes sobre o papel da fotografia para o indivíduo. Para ele esta auto representação que emana da fotografia pode ser caracterizada pelo *studium* e pelo *punctum*. O primeiro refere-se a moldura histórica da foto, "um campo que reconheço facilmente em função do meu saber e minha cultura". O segundo, o *punctum*, representa a dor pessoal e intransferível que somente eu, detentor de uma vivência única, sinto enquanto espectador ao ler aquela foto - o *punctum* da fotografia é "esse acaso que, nela, me punge (mas também me mortifica, me fere)".

Segundo Barthes (1984) o *punctum*, por mais pessoal, intransferível e, aparentemente, arbitrário que seja, é condicionado a história e ao conhecimento cultural-histórico de quem lê, enfim, assim como o *studium*, também está condicionado as relações sócio-históricas de quem lê. É neste ponto que a obra fotográfica de Salgado ganha destaque, pois em sua organização decodifica não apenas um momento para o contexto histórico a que pertence, ultrapassa horizontes pessoais para se fixar no espaço fronteiro do outro. Sobre este assunto Homi Bhabha empresta de Heidegger a seguinte definição: "uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, [...] é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*" (1998, p. 19). Nesta direção a fotografia permite o alargamento do conceito de unificação e abre novos campos de aceitação fortalecendo as identidades pessoais e locais.

Segundo Borges (2003) a imagem fotográfica ou videográfica emociona na medida que diz algo a minha história e, nesse sentido, minha decodificação é sempre historicizada, determinada por uma dada realidade material, não é uma relação arbitrária, mas mediada por critérios objetivos. É o que se percebe, por exemplo, na passagem em que Salgado (2013) apresenta como chegou à fotografia social:

Quando me perguntam como cheguei à fotografia social, respondo: foi como um prolongamento de meu engajamento político e de minhas origens. Vivíamos cercados por exilados que, como nós, haviam fugido das ditaduras da América do Sul, e também da Polônia, de Portugal, de Angola... Assim, foi natural começar a fotografar os emigrados, os clandestinos. Primeiro na França, depois em diferentes países da Europa (SALGADO, 2013, p. 26).

Esta declaração se sustenta, pois de acordo com Borges (2003) a subjetividade, qualquer que seja, produz-se dentro de processos históricos e não pode ser, portanto, entendida como algo de fora, naturalmente emanada de sujeitos supra-históricos.

Logo, Sebastião Salgado revela sua subjetividade em suas fotografias materializando-as como produto histórico-social. Para Vazquez (2010), não se pode afastar o elemento subjetivo da criação artística, construído, em grande parte, por sua concepção do mundo. Todo grande artista supera o marco de suas limitações ideológicas e nos fornece uma verdade sobre a realidade. Este processo de produção estética é significativo para refletirmos as possibilidades de releituras que as imagens apresentam para uma mesma realidade ao criar estratégias de conservação e lembrança. Segundo Gagnebin (2006) é justamente porque não estamos mais inseridos em uma tradição de memória viva, oral, comunitária e coletiva, como dizia Maurice Halbwachs, é que temos o sentimento tão forte da caducidade das existências e das obras humanas, que precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança (GAGNEBIN, 2006, p. 97).

As imagens, portanto, colaboram para que o indivíduo vá construindo implicitamente, uma compreensão de si mesmo, uma consciência daquilo que ele é e de onde ele está situado no tempo e no espaço. O próprio Salgado (2013) reconhece esta característica,

Adaptar-se à velocidade dos seres humanos, dos animais, da vida. Mesmo que hoje nosso mundo seja rápido, muito rápido, a vida, por sua vez, não segue a mesma escala. Para fazer fotos, é preciso respeitá-la (SALGADO, 2013, p. 12).

O mesmo conselho é apresentado logo no início da narrativa quando Salgado (2013, p. 07) afirma que “quem não gosta de esperar não pode ser fotógrafo”. Esse esperar é significativo durante toda sua carreira, pois seus principais trabalhos foram

construídos a partir de longos períodos de pesquisas e viagens que ampararam o efetivo exercício de fotografar. Este processo tornou seu trabalho ainda mais significativo, sobretudo porque precisou acompanhar as mudanças técnicas da arte de fotografar sem perder a qualidade de seu trabalho.

A passagem para o digital não modificou minha maneira de trabalhar. A única diferença é que, em vez de carregar uma maleta de 28 quilos, transporto agora setecentas gramas em cartões de memória que não temem os raios X – *dos aeroportos* (SALGADO, 2013, p. 76).

Vázquez (2010, p. 36) compreende que a “historicidade da realidade objetiva impõe, ao mesmo tempo, uma historicidade dos meios expressivos, e com isso, determina o próprio movimento da arte”. Assim, se a arte é uma das formas pelas quais o mundo, a realidade, revela-se ao homem, essa realidade, em princípio, encontra-se em constante processo de mudança, daí a necessidade de que variem os meios de expressão.

A exemplo da criação literária, que depende/corresponde a certas necessidades de representações do mundo, como gratuidade e estética, Sebastião Salgado procurou durante o transcorrer de sua carreira aprimorar seu trabalho, fazendo de suas fotografias uma caminho intervalar entre distração e devoção e, por consequência, conseguiu dar a suas fotografias uma condição de narrativa que por vezes ganha valor universalizante, pois representa a reorganização imagética dos percursos do homem. Segundo Porto (2010), assim como a escrita, que fixa e repassa indefinidamente uma certa mensagem codificada em riscos e símbolos, a imagem fotográfica perpetua instantâneos e acontecimentos de um dado tempo e momento, com a grande diferença que, ao contrário da escrita, não é necessário ser iniciado-alfabetizado para construir e dar sentido a uma imagem.

3 NARRAR POR IMAGENS: INTERCÂMBIO DE EXPERIÊNCIAS

A exemplo de um bom narrador Sebastião Salgado, por meio de suas fotografias, resgata “a faculdade de intercambiar experiências”, conforme apresenta Benjamin (1994b). Ao analisar o baixo desempenho na produção de narrativas no início do século XX, afirma que é “como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Para

Benjamin (1994) a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.

Ainda de acordo com ele a boa narrativa pode ser produzida por um camponês sedentário ou por um marinheiro comerciante. Sebastião Salgado ao se apresentar como um fotógrafo viajante e um observador do mundo local, reúne em sua coletânea fotográfica as características atribuídas aos dois tipos de narradores. Segundo Benjamin (1994b) o povo diz que "quem viaja tem muito que contar", e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Por outro lado, de acordo com ele, também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Para Benjamin (1994b) o "o senso prático é uma das características de muitos narradores natos". Por extensão é possível avaliar que esta praticidade é característica presente no conjunto fotográfico de Sebastião Salgado, ao ponto do próprio autor fazer referências como esta em "Da minha terra à Terra",

Essas reportagens me colocaram diante das vítimas de nosso mundo e de seus diferentes sistemas, que, no fundo, são todos muito parecidos e interligados. Aquelas pessoas atravessavam momentos terríveis, às vezes os piores de suas vidas. Mesmo assim, aceitavam ser fotografadas. Queriam que seu sofrimento fosse conhecido, acredito (SALGADO, 2013, p. 51).

Ao fotografar Sebastião Salgado narra a história de muitos em única cena. Se para Benjamin (1994b) é necessário saber narrar a história porque a arte de narrar está definindo e porque a sabedoria - o lado épico da verdade - está em extinção, para Salgado (2013), a narrativa se faz viva por meio da captura do fenômeno fotográfico.

Diante de uma atrocidade, o que constitui uma boa foto?", às vezes me perguntam. Minha resposta cabe em poucas palavras: a fotografia é minha linguagem. O fotógrafo está ali para ficar quieto, quaisquer que sejam as situações, ele está ali para ver e fotografar. É através da fotografia que trabalho, que me expesso. É através dela que vivo (SALGADO, 2013, p. 59).

A linguagem fotográfica por ele construída e por ele vivida demanda a reconstrução daquele momento pelo espectador, transformando a imagem em uma

nova história a cada contemplação. Para Benjamin (1994b) a cada manhã recebemos notícias de todo o mundo e, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes, pois os fatos já nos chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras: quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. As fotografias de Sebastião Salgado oferecem pontos de indeterminação abrindo caminho para que o receptor seja capaz de organizar simbolicamente a linguagem fotográfica. Neste raciocínio Benjamin (1994b) explica que quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, porém esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. A narrativa fotográfica de Sebastião Salgado se aproxima da boa narrativa porque não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada/capturada, como uma informação ou um relatório, mas cria campos de diálogo com outros textos. É um diálogo com a história, memória e outros homens. Todos os homens são iguais, mas nossos modos de vida divergiram tanto que nossos corpos não são mais os mesmos (SALGADO, 2013, p. 85).

A exemplo de um narrador Sebastião Salgado é homem de seu tempo, de sua história. A história, o mundo, o fato, o homem são perceptíveis em suas fotografias, porém não de forma direta e objetiva, mas instintiva. Segundo Benjamin (1994) o narrador mantém sua fidelidade a essa época e seu olhar não se desvia do relógio diante do qual desfila a procissão das criaturas.

Senti-me muito reconfortado, pois o homem das origens é muito forte e muito rico em algo que fomos perdendo com o tempo, tornando-nos urbanos: nosso instinto. Esse instinto permite sentir e prever muitas coisas, uma mudança de temperatura ou fenômenos climáticos por meio da observação do comportamento dos animais. Na verdade, estamos abandonando nosso planeta, pois a cidade é outro planeta (SALGADO, 2013, p. 90).

As reflexões apresentadas por Salgado apresentam a oportunidade de examinar nossas relações com o homem, com o mundo e com a própria arte. Mesmo tendo recebido apreciações negativas por parte da crítica que o denunciavam, por exemplo, de "estetizar a miséria" ou por ser ideologicamente engajado, o mais importante é observar que suas fotografias são documentos históricos e, portanto,

são narrativas que se completam com o olhar do outro, tornando-as enigmáticas, inexplicáveis e abertas e, por isso mesmo, duradouras, pois como ensina Benjamin na boa narrativa (o que se estende a boa fotografia) o saber deveria vir de longe, diferentemente da informação que pode ser imediata. “Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Provavelmente este trecho de Valéry citado por Benjamin (1994b) para esclarecer o significado do que seria uma importante narrativa seja a que melhor revele a ligação entre narrar e fotografar. Para Valéry,

A observação do artista pode atingir uma profundidade quase mística. Os objetos iluminados perdem os seus nomes: sombras e claridades formam sistemas e problemas particulares não dependem de nenhuma ciência, que não aludem a nenhuma prática, mas que recebem toda sua existência e todo seu valor de certas afinidades singulares entre a alma, o olho e a mão de uma pessoa nascida para surpreender tais afinidades em si mesmo e para as produzir (VALÉRY, *apud* BENJAMIN, 1994b, p. 220).

O próprio Benjamin chama atenção informando que o fragmento fora escrito num contexto completamente diferente, ou seja, Valéry não pretendia tratar de narrativa quando escreveu tais considerações, discorria sobre arte. Talvez por isso essas palavras sejam tão emblemáticas para tratar de fotografia, pois sua produção é arte e exige alma, olho e mão. Além disso, ao ser concebida entre sombras e claridade, ou seja, pelo controle da luz, a fotografia precisa do brilho artístico do grande responsável pelo “fenômeno fotográfico”. Em outras palavras a fotografia como arte é a união de técnica e de talento, especialmente quando o fotógrafo admite que sua subjetividade faz parte do trabalho. Sebastião Salgado (2013, p. 92) não foge desta materialidade e afirma: “minha fotografia não é uma militância, não é uma profissão. É minha vida”.

Em um mundo cada vez mais individualista, instantâneo e imediatista saber contar, narrar, fotografar e, especialmente, saber dar tempo para que isso ocorra é fundamental. Nessa atitude Sebastião Salgado é pedagógico, não apenas por meio de suas fotografias, mas também pela narrativa apresentada em “Da minha terra à Terra”. O intercâmbio de experiências apresentadas pelo mais reconhecido fotógrafo

brasileiro permite novos contares, novos olhares, novas narrativas e contribuem para que a narração, em tempos de pós-modernidade, ganhe novas estratégias e não se esvaeça.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Elida. **Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural**. Trad. Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994a, p. 165-196.

_____. **O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov**. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994b, p. 197-221.

BORGES, Paulo Humberto Porto. **Representação fotográfica e povos indígenas**. Londrina: *Discursos fotográficos*, v.6, n.8, p.195-212, jan./jun. 2010.

_____. **Fotografia, História e Indigenismo: a representação do real no SPI**. Tese de Doutorado em Educação. Campinas: Unicamp, 2003.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade: Estudos da Teoria e História Literária**. 11. ed. revista pelo autor. Rio Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

SALGADO, Sebastião. **Da minha terra à Terra**. São Paulo: Paralela, 2013.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanches. **As ideais estéticas de Marx**. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.